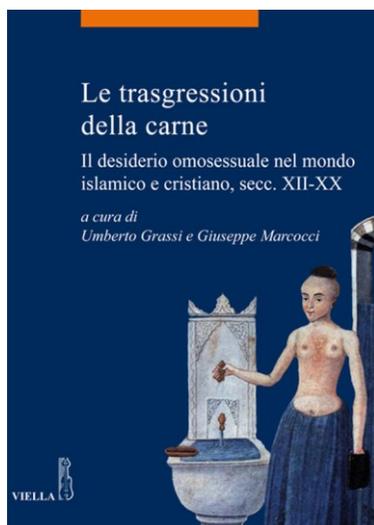


RESENHAS

DOI: 10.4025/rbhranpuh.v9i26.32739

GRASSI, Umberto; MARCOCCO, Giuseppe. *Le trasgressione della carne: Il desiderio omosessuale nel mondo islamico e Cristiano, secc. XII-XX*. Roma: Editora Viella, 2015. 219p.

Recebido em 15/07/2016 - Aprovado em 30/08/2016



As transgressões da carne: o desejo homossexual no mundo islâmico e cristão (séculos XII- XX)

Fabio Augusto Scarpim ¹

É lugar comum a ideia de que o mundo islâmico e o cristão constituem duas realidades opostas. Séculos de confrontos, guerras e disputas, sobretudo religiosas, projetaram a imagem de dois mundos fechados, hostis e conseqüentemente impermeáveis as influências de um ao outro. Essa visão ligada essencialmente a esfera religiosa vem sendo gradualmente superada para dar espaço a compreensão da complexidade dos fenômenos culturais, sociais e econômicos que relacionam ambos os mundos. Estudos recentes têm revelado a porosidade e os intercâmbios jurídicos, linguísticos e comunitários especialmente nas áreas de confluências entre os impérios europeus, asiáticos e africanos desde o período medieval até o século XX.

As novas interpretações sobre as relações entre o cristianismo e islamismo têm ampliado os debates e oferecido novas chaves de leitura sobre os processos de interação entre duas realidades que aparentemente seriam opostas. Nessa direção, a história da sexualidade não ficou ileso a essa dinâmica. Estudos têm revelado que, apesar das proibições, uniões carnis entre muçulmanos e cristãos, incluindo casamentos mistos, bem como dinâmicas de conversão de uma religião a outra ocorriam e não eram casos

¹ Doutorando em História na UFPR. Professor de História da SEED-PR e do Curso de História do Centro Universitário Andrade (UNIANDRADE). Email: fabio_scarpim@hotmail.com

isolados. Nessa ótica, com um olhar profundo e investigativo, buscando desconstruir estereótipos e indagando a respeito das origens, das formas e das razões dessas interações o presente livro aborda, sob um viés inovador, a temática do homoerotismo e do desejo homossexual no mundo cristão e islâmico.

Com um arco temporal que vai do século XII ao XX os autores propõem uma via de explicação segundo a qual as práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo (em muitos casos entre cristãos e muçulmanos), embora proibida por ambas as religiões, teriam se constituído em um específico terreno de troca e interação entre ambos. Tais relações, embora se encontrassem em uma zona osmótica, clandestina e evada de perigos, em muitos casos teria se constituído em uma barreira para superar as diferenças religiosas.

Assim, para responder a hipótese lançada, os autores valem-se de rigor metodológico e de ampla pesquisa documental em fontes de diferentes naturezas: fontes oficiais e privadas, normativas jurídicas, processos inquisitoriais, literatura e iconografia. Concentrando-se na questão específica da homossexualidade buscam compreender como foram elaborados, em diferentes contextos e momentos históricos, determinados estereótipos, por ambos os lados, como estratégia de conversão forçada, de escravização, de conquista, de domínio e de segregação. Por outro lado, evidenciam um conjunto de visões e de imaginários que foram formulados no contexto da alteridade e dos encontros culturais, bem como das concessões veladas aos prazeres considerados ilícitos quando se tratava de uma relação entre um “fiel” e um “infiel”.

O presente livro conta com a colaboração de pesquisadores de diferentes países que se dedicam ao estudo seja da história social e religiosa do ocidente europeu, como estudiosos do mundo islâmico, inclusive com competências linguísticas para interpretar as fontes originais. É dividido em duas partes, num total de sete capítulos.

A primeira parte, intitulada *Descrições e Proibições*, é composta de quatro capítulos que se ocupam da análise das ligações culturais, sociais, jurídicas e institucionais sobre a homossexualidade no mundo islâmico e cristão no período compreendido entre os séculos finais da Idade Média e a primeira Modernidade. O primeiro deles, de Everett K. Rowson especialista em história e cultura do Médio Oriente e do islamismo, analisa a posição das elites mamelucas no Egito e na Síria a respeito das relações homoeróticas. A partir de uma profunda incursão nas fontes medievais do mundo árabe sugere que, apesar da reprovação pela religião e pela lei, havia uma relativa tolerância em relação aos sentimentos homoafetivos entre homens. Tais relações são amplamente documentadas na poesia, na literatura e na arte.

As práticas homoeróticas podem ser verificadas nas ações de determinados sultões e governantes em relação aos seus “preferidos” que incluíam, inclusive, favorecimento com cargos honoríficos, proteção financeira e desmesurados esforços econômicos para comprá-los (no caso de eunucos) ou honrá-los seja material ou socialmente. Da mesma forma, não foram raros os conflitos nas instâncias do poder por conta de homens nobres que romperam ligações familiares ou entraram em litígios parentais por conta da proteção de seus favoritos. O autor destaca que os atos homossexuais eram reprovados e punidos pela força da lei apenas quando estes

adquiriam a dimensão de escândalo público ou quando podiam comprometer as obrigações de comando ou a autoridade do nobre envolvido. A resposta para essa relativa aceitação é buscada na relação entre essas práticas e a composição social das elites mamelucas. Os rapazes, objetos de desejo do mundo islâmico, em geral eram jovens não muçulmanos comprados como escravos, importados, convertidos e adestrados como soldados que viriam a se tornar parte da elite de governo. A sodomia era consentida (de maneira não oficial) e percebida num contexto de alteridade como algo vindo de fora, que ao mesmo tempo fascinava e oferecia um diferencial no ambiente intensamente homosocial no qual as elites mamelucas eram preparadas.

No ensaio de Giacomo Todeschini que compõe o segundo capítulo o autor propõe uma interpretação nova para a condenação da sodomia que se tornou mais intensa a partir do século XII no Ocidente Cristão. O desenvolvimento sócio econômico ocorrido nos séculos finais da Idade Média trouxe consigo uma redefinição de valores na hierarquia daquilo que era considerado produtivo e improdutivo. A partir da análise de tratados teológicos e jurídicos sobre a natureza da sodomia e da usura o autor encontra uma série de elementos em comum que as revestem de condenações simbólicas e que as definiam como improdutivas e contra a natureza e, portanto, contrárias a vontade divina e a vida em sociedade. Dessa maneira, a sodomia e a usura foram definidas como pecaminosas, pois, seriam produtoras de uma riqueza “estéril”, sem respaldo seja no direito natural, seja no direito consuetudinário como no direito divino.

No olhar dos tratadistas medievais, o usurário e o sodomita seriam portadores de comportamentos inúteis, de natureza animal e irracional. Portanto não seriam considerados apenas inúteis, mas prejudiciais a sociedade pois não gerariam frutos nem para o Reino terreno nem para o Reino Celeste. Na mesma direção, avançando na discussão teológica e jurídica sobre os conceitos de natureza humana e natureza em geral, ao conceber a sociedade como um corpo, entendia-se que tais comportamentos eram contrários ao crescimento do corpo eclesial, que na sociedade medieval, era percebido e representado como visível Corpo de Cristo. Sendo assim, no vocabulário medieval os atos sodomíticos e usurários eram vistos não apenas como um pecado, mas como uma revolta contra Deus e contra a natureza.

A interpretação proposta por Todeschini, especialmente aquela relacionada ao elemento da esterilidade, vem contribuir para a compreensão das origens de discursos enraizados e ainda presentes na sociedade contemporânea, especialmente de grupos mais radicais que defendem argumentos anti-homossexuais com base no elemento da não procriação.

No ensaio *O gênero do desejo: O amor pelos belos rapazes na literatura otomana da primeira modernidade* de Selim S. Kuru que compõe o terceiro capítulo é apresentada uma análise da presença de temas homoeróticos na literatura otomana tendo como palco o ambiente cosmopolita da cidade de Constantinopla após sua conquista em 1453. Ao perpassar por vários escritos de autores turcos Kuru destaca a presença de um contraste entre a severidade da lei no mundo islâmico e o apreço de uma série de discursos e argumentos que descreviam e discutiam as relações homoeróticas no mundo árabe. Tal contraste revela a complexidade dos sistemas culturais no mundo islâmico e como esse

tema era tratado no âmbito dos escritos jurídicos, burocráticos, literários, morais e históricos refutando as visões tradicionais que descreviam as sociedades do passado, especialmente aquelas do Oriente, com suas condenações aos atos homossexuais apenas sob o prisma da moral.

Assim, ao analisar diferentes obras literárias, da poesia à autobiografia, destaca a presença de um explícito sentimento homoerótico na literatura turco-anatólica dos séculos XVI e XVII, que em geral era produzida por homens cultos. Tal produção literária que constitui um fenômeno de longa duração sofreu uma mutação, caminhando para a sua desvalorização, nos séculos XIX e XX à medida que há o acolhimento de valores morais e comportamentais importados do Ocidente onde se sobressai a valorização do amor pelas mulheres.

Para fechar a primeira parte da obra, o texto de Vincenzo Lavenia *Entre heresia e crime contra natureza: sexualidade, islamofobia e inquisições na Europa Moderna* retoma os confrontos entre Islã e Cristianismo ao analisar a Espanha do início da Idade Moderna. Lavenia discute o processo de heretização da sodomia e como se construiu a ideia de que esta prática teria sido trazida pelos árabes, bem como a leitura cristã do Alcorão que via o profeta Muhammad como sendo favorável a sodomia. Assim, procura compreender de onde vem essa leitura, de quais fontes e porque essa ideia se torna lugar comum na Espanha do início da Modernidade. O porquê do século XVI em diante, a caça as sodomitas (considerados perversos e heréticos) passa a ser mais comuns nos tribunais eclesiásticos.

O autor sugere que o aumento da repressão do *pecando nefando* esteve ligado às mutações pela qual a sociedade ibérica passou na 1ª Modernidade (séculos XV e XVI), mas especialmente a ideia de que a repressão a sodomia poderia servir para exorcizar os inimigos da Cristandade. Entendida como uma “infecção” esta deveria ser extirpada para implementar o mito de uma terra integralmente católica, masculina-viril e *dessemitizada*, cujo modelo deveria ser espalhado pelas terras recém descobertas. A ideia de que a sodomia era uma prática comum no mundo árabe, e que portanto era um dever dos espanhóis extirpá-la, teria sido transportada e reelaborada no contexto da invasão da América. As práticas sodomíticas existentes no mundo ameríndio foram usadas para justificar aquilo que os espanhóis entendiam como um direito de conquista para espalhar a fé, a lei e a ordem.

O cenário ibérico do início dos dois primeiros séculos da Idade Moderna é tema dos dois capítulos seguintes que compõe a segunda parte do livro *Interações e Imaginários*. A convivência entre a maioria cristã e as minorias mouriscas sob o prisma da sexualidade, bem como os decretos, as expulsões e as conversões forçadas compõe o contexto analisado por Tomás A. Mantecón Movellán no texto intitulado *Além da Repressão: relações homossexuais entre muçulmanos e cristãos na Espanha do século XV e XVI*. Terminada a Reconquista em 1492, apesar do amplo processo de homogeneização social promovido pelos reis católicos Fernando de Aragão e Isabel de Sevilha, espaços de transgressão social figuravam em diversas partes da Espanha.

Enquanto a maioria dos pesquisadores se debruçaram sobre as fontes eclesiásticas, especialmente inquisitoriais, Movellán centra sua análise sobre os

testemunhos do jesuíta Pedro de León sobre as atividades da justiça civil na repressão e punição do reato de sodomia. Naquele contexto tal prática era entendida como pecado e crime, portanto alvo de foro misto, que figurava nas condenações tanto das instâncias civis como eclesiásticas. A análise das anotações do jesuíta que atuou como confessor nos cárceres de Sevilha permite conhecer quem eram os sujeitos históricos alvos dos processos civis: sua composição social, quais eram seus supostos crimes, bem como os grupos de sociabilidades que pertenciam. Segundo o autor, a proibição de uma sexualidade considerada desviante favorecia a emergência de uma série de táticas defensivas com formas de comunicação e linguagem própria que determinou a formação de uma subcultura homossexual com contextos de sociabilidade, autonomia, identidade e autoconsciência própria que incorporava cristãos e mouros não convertidos.

Ao mesmo tempo, o texto de Movellán revela que apesar das rígidas divisões dos papéis de gênero existente naquele contexto, a figura de hermafroditas, poderia encontrar espaços de reconhecimento social. É o caso da movimentada vida de Elena de Céspedes que transitou por dois casamentos (um com um homem e outro com uma mulher), pelo meio militar e por sua notável erudição alcançou popularidade no meio médico, o que lhe rendeu uma investigação inquisitorial.

As interações entre mouros e cristãos seja em Portugal como no Norte da África por meio das relações homoeróticas ocupa o centro das discussões do texto de Luiz Mott intitulado *Muçulmanos sodomitas em Portugal e bardachos cristãos na África do Norte nos séculos da Idade Moderna*. Tal análise parte da investigação dos processos da Inquisição portuguesa que processou e mandou para os cárceres, exílio ou a fogueira homens que mantinham práticas ilícitas. Contemporaneamente ao sucedido na Espanha, a repressão mais feroz a sodomia ocorreu a partir do século XVI, pois até 1496 cristãos, mouros e judeus viviam de forma relativamente pacífica até o decreto do rei Dom Emanuel I, que sob o pretexto da religião, constringiu-os a escolher entre a expulsão e o batismo. Os processos inquisitoriais analisados revelam como se enraizou no imaginário ibérico e cristão em geral que o vício da sodomia era uma prática trazida do mundo árabe. O germe da associação entre homoerotismo e Islã estaria ligado ao mito de Santo Pelágio, um jovem rapaz cristão que teria sido martirizado em 925 na Andaluzia por ter recusado as investidas do Califa Abd al Rahman III.

Por outro lado o ambiente interétnico e interreligioso de maior convivência entre portugueses, muçulmanos, turcos e magrebinos, seja em Portugal como no Norte de África, teria contribuído para reforçar a visão de que os muçulmanos possuíam códigos mais licenciosos que aqueles impostos pela Coroa Portuguesa e pela Igreja. Assim como as análises de Movellán e Avenia o autor discute a tese de que a prática da sodomia entre cristãos e mouriscos de ambos os lados do Estreito de Gibraltar teria constituído em terrenos de trocas e de mitigação da diferença religiosa. Da mesma forma, como notaram vários observadores, a presença comum das práticas homoeróticas no Norte da África se tratava de um cenário muito similar aquele que existiu por séculos na Península Ibérica durante a dominação muçulmana e que as monarquias católicas vão tratar de demonizar e de extirpar após o século XVI em nome de uma sociedade moral, cristã e viril.

A ideia da demonização do Oriente islâmico é substituída séculos depois pela visão da fraqueza e da debilidade atribuída pelos europeus no contexto colonial dos séculos XIX e XX. A atenção reservada à sexualidade dos orientais e em particular a homossexualidade é objeto de análise do último ensaio, de Jean-Raphael Bourge intitulado *Colonialismo, homossexualidade e mundo islâmico no imaginário erótico europeu entre os séculos XIX e XX*. O autor centra sua análise na maneira pela qual no momento em que se estabelecia uma hierarquia racial, os discursos dos colonizadores sobre homossexualidade contribuíram para a legitimação da dominação colonial real e simbólica.

O contato com culturas diferentes levou diversos cientistas a conhecer, ver, estudar e analisar para a produção de parâmetros científicos que tinham como pressuposto a dominação, a segregação e a hierarquização com base na diferença. A sexualidade oriental vista como insaciável, devassa e doentia não escapou imune as teorizações dos ocidentais que buscaram na análise dos corpos e de seus comportamentos intrínsecos explicações que atribuíam a eles a imperfeição, a fraqueza e a decadência. Nessa direção, a ideia da homossexualidade como uma característica típica do mundo muçulmano que foi analisada por outros autores pelo viés da religião, no contexto colonial, passou a ser compreendida também sob o prisma das características raciais. Por apresentarem uma sexualidade desviante e doentia, no olhar europeu, essas populações deveriam ser subordinadas e domesticadas porque seus costumes sexuais corrompidos poderiam contaminar os colonizadores. Era necessário estudar melhor os hábitos, práticas e costumes dos colonizados para melhor dominá-los.

Os colonizadores europeus buscaram definir a presença de uma certa “predisposição natural” a frequência das relações homossexuais no mundo muçulmano tanto com base nas características físicas como na religião islâmica. Assim, a rígida divisão de gênero nos ambientes sociais islâmicos, a forma como se dava o acesso ao casamento como, por exemplo, a necessidade de haver um dote para um homem poder se casar e a poligamia foram usados para explicar a tolerância e a frequência das práticas homossexuais no mundo islâmico.

A proliferação de uma literatura erótica sobre o Oriente, fruto das observações de viajantes e cientistas, em geral a serviço dos Impérios Coloniais europeus levou a produção de inúmeras representações do outro como exótico, estranho e fora da norma. O interesse do colonizador europeu pela sexualidade dos orientais, em particular a homossexualidade não era desinteressado, mas proposital. Servia para desqualificar o outro e justificar a dominação. A construção do Oriente como um mundo frágil, débil e vicioso tinha forte conotação ideológica que justificava a representação dos europeus como médicos e a colonização como cura.

A imagem distorcida do Oriente, gestada por vários séculos pelo Ocidente serviu para a construção de si através do outro com a finalidade de legitimar o racismo para sustentar a conquista. Conforme escreveu Edward Said no seu clássico *Orientalismo* a ideia do Oriente como muçulmano, irracional, feminino e afeminado em contraposição a um Ocidente racional, masculino, cristão, onde impera o progresso serviu diante de uma necessidade do Ocidente se afirmar sobre o Oriente como o verdadeiro espelho negativo e assim legitimar sua suposta superioridade natural. Estudos como aqueles que compõe o

presente livro servem para compreender como determinados estereótipos foram construídos e desmistificar a ideia de que Ocidente e Oriente compõe realidades antagônicas.